

JESUS
Divino Governador da
Terra

Montaigne
Luiz Guilherme Marques
(médium)

ÍNDICE

Introdução

1 – Dados iniciais

2 – O conhecimento das Leis Divinas

3 – Explicação sobre a capa do livro

4 – Por que muitos evitam encontrar o Jesus verdadeiro

5 – Cristianismo sem Jesus

6 – O cientificismo em lugar do evangelismo

7 – “Meu Reino não é deste mundo”

8 – Governador e não rei

9 – O livre arbítrio

10 – O mundo de regeneração

11 – Seus assessores

12 – Contato mental com Ele

13 – A sede da Governadoria

14 – A aparência de Jesus

15 – Por Jesus foi escolhido como Governador Planetário

Notas

INTRODUÇÃO

Jesus talvez seja a personalidade mais abordada pelos historiadores de Religiões e, por isso, alguém pode querer afirmar que mais uma obra sobre Ele é “chover no molhado”, repetindo o que um obscurantista disse, há muitos séculos atrás, quanto aos livros da preciosa biblioteca de Alexandria: “- Se confirmam as lições do Profeta Maomé, representam uma inutilidade e devem ser destruídos; se as contrariam, são uma blasfêmia e devem ser destruídos.”

Contra esse tipo de mentalidade não há argumento suficiente, pois o radicalismo é total, enquanto que não pretendemos debater com ninguém, mas apenas expor as noções que nos parecem interessantes para reforçar a fé daqueles que já a adquiriram e tentar despertá-la nos que ainda duvidam. Não conseguiremos, todavia, fazer milagres, uma vez que o próprio Divino Pastor não convenceu, de imediato, a maioria dos que O viram e conviveram com Ele, sendo “muitos os chamados, mas poucos os escolhidos”, ou seja, o número dos adeptos representou pequena porcentagem dentro da grande massa humana que estendia as mãos querendo curas miraculosas, soluções para problemas materiais e morais sem o necessário esforço pessoal e benefícios de toda ordem, até os mais escusos.

Falar em Jesus aleatoriamente não é nosso objetivo, porque temos a responsabilidade da palavra escrita, pela qual responderemos nos casos de abuso ou irresponsabilidade. Assim, nos comprometemos com a Causa de Jesus por convicção pessoal, sentindo-nos no dever de afirmar o que seja construtivo e pacificador, dentro das luzes da Doutrina Espírita, mesmo respeitando as demais formas de crença.

Jesus, para nós, é o Divino Governador da Terra, responsável perante Deus, o Criador, pelos destinos de todos os seres ligados a este planeta, desde o mais “pequenino” até o mais próximo do próprio Cristo.

Que consigamos efetivamente servir a essa Causa, auxiliando nossos irmãos e irmãs em humanidade.

1 – DADOS INICIAIS

Sem a leitura dos livros “A Caminho da Luz”, de Emmanuel, e “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de Humberto de Campos, ambos psicografados por Francisco Cândido Xavier, não se consegue entender qual exatamente a função de Jesus junto aos habitantes do planeta Terra. Sem essa noção, permanece tudo apenas a nível de palpites mais ou menos aproximados da Sua verdadeira Missão.

Compete aos espíritas estudar, e não apenas ler, essas duas obras, tanto quanto estudar as Obras assinadas por Allan Kardec, uma vez que ninguém mais importante para conhecer-se do que o Governador Planetário.

Qualquer outra biografia é secundária, bem como qualquer outra informação, porque Ele traz em Suas Mãos Misericordiosas e Sábias a chave do Conhecimento das Leis Divinas [1], tanto que disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” e “Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim.”

Muitos orgulhosos pretendem ir a Deus por outros caminhos e se perdem, uma vez que o Poder de Jesus Lhe foi concedido por Deus e não há, neste planeta, outro Espírito que se Lhe supere, ou mesmo iguale, em perfeição, sendo, pelo contrário, Seus discípulos, subordinados hierarquicamente ao Mais Humilde, Desapegado e Simples de todos, tanto que não se sentiu diminuído pelo fato de lavar os pés de alguns deles, como relatado na História Cristã.

Conhecer, portanto, esse Sol de Amor e Sabedoria é o primeiro passo para quem quer tomar contato, com maior profundidade, com as Leis Divinas.

A segunda daquelas duas obras é a continuação da primeira, formando um conjunto harmônico, como se fossem um único livro.

Depois de estar ciente da Tarefa delegada por Deus a Jesus, aí, sim, se pode realmente iniciar a caminhada para estudos mais avançados. Por isso nos propusemos a trazer estas informações.

Iremos, neste nosso breve estudo, abordar a Missão de Jesus como Divino Governador da Terra, não pretendendo repetir o que os evangelistas e outros missionários disseram sobre Sua vida durante a encarnação no planeta, aliás, objeto de outro livro, materializado sob o nome de “O Evangelho de João na Visão Espírita”, publicado pela mesma Editora deste livro que ora trazemos aos encarnados.

Vamos, então, por partes, na Graça de Deus.

2 – O CONHECIMENTO DAS LEIS DIVINAS

Se é verdade que os 10 Mandamentos representam uma grande Revelação para a humanidade terrena, as Lições de Jesus, esparsas nas narrativas evangélicas, são sua continuidade e aprofundamento, mas “O Livro dos Espíritos” traz muito maior esclarecimento. Todavia, como a Revelação é contínua, o próprio Divino Governador Planetário, por um dos Seus discípulos, que foi Pietro Ubaldi, ditou um Tratado sobre as Leis Divinas para os homens e mulheres do século XX, intitulado “A Grande Síntese”, infelizmente estudado por poucos e desconsiderado por muitos espíritas, pelo fato do médium não ter-se filiado expressamente ao Movimento Espírita, o que representa uma desconsideração às Palavras do próprio Divino Mestre e demonstração de orgulho, tal como muitos contemporâneos de Jesus desconsideraram Suas Lições, preferindo permanecer atados ao passado, tanto quanto igualmente muitos cristãos ainda se recusam a reconhecer a Terceira Revelação, continuando a pensar dogmaticamente, através das crenças do Catolicismo e do Protestantismo.

Os espíritas correm o risco de repetir o espírito dogmático dos seus antecessores, ou sejam, os judaicos e os cristãos em geral.

O livro mencionado acima representa a mais importante obra escrita em toda a História da humanidade, pois é a mais recente, assinada pelo próprio Governador Planetário e não por algum discípulo.

Se realmente é complexa, por causa da própria complexidade do tema abordado, é, por outro lado, o retrato das Leis que governam o Universo físico e moral, cujos regramentos ali estão descritos com os detalhamentos possíveis à compreensão dos homens e mulheres de intelecto mais avançado do século que se encerrou há pouco mais de uma década.

O funcionamento da Criação Divina não poderia mesmo ser banal, de fácil compreensão para os iniciantes nas

reflexões avançadas e, na verdade, somente evoluindo moral e intelectualmente, é que os seres humanos irão entendendo como se organiza e harmonizam tantos elementos, resumíveis em campos energéticos.

A preguiça mental, a mentalidade acomodatória e o descaso pela própria evolução é que fazem com que muitos prefiram manter longe de si esse tipo de estudo, todavia imprescindível, indispensável para a própria tranquilização interior de cada um.

3 – EXPLICAÇÃO SOBRE A CAPA DO LIVRO

Quando vemos os artistas terrenos retratando Jesus como um ser materializado, compacto como uma estátua de barro ou de bronze, entristece-nos o coração, porque fica patenteada a incompreensão de que o Divino Mestre nunca apresentou aquele visual, mesmo quando encarnado, pois Sua irradiação espiritual é tão grande que até o próprio corpo físico irradiava luminosidade e nunca foi opaco como os encarnados em geral.

Por indução mental foi tentado transformar o quadro do artista terreno em uma imagem espiritualizada, não com as dimensões de um corpo humano comum, mas sim a projeção mental de Jesus no céu, no meio de estrelas, ocupando uma área incalculável segundo as concepções terrenas, por isso sendo o espaço da capa salpicado de pequenos focos de luz principalmente brancos. Infelizmente, a imperfeição da ferramenta utilizada foi incapaz de reproduzir a verdadeira intenção, que é a de mostrar um Jesus cujo perísprito não cabe dentro das limitações corporais dos seres terrenos, mas se expande por milhões de quilômetros, misturando-se com as graciosas e luminosas figuras que se desenham no espaço ilimitado: assim se pode, apesar da imperfeição da linguagem, tentar representar graficamente a figura de Jesus, o Divino Governador da Terra.

Pior ainda andam os artistas do pincel e da espátula que até hoje procuram retratar Jesus pendurado numa cruz ou carregando-a nos ombros feridos, pois não vêem n'Ele a imagem da Espiritualidade Pura e sim a humanização do quase Divino, o que representa uma miniaturização do Superior, tal como quem retrata Deus como um homem de idade provectora, muitas vezes de olhar imperativo, como se fosse um Júpiter das crenças pagãs.

É preciso que os espíritas se desvinculem do primitivismo que caracterizou os tempos passados, inconscientemente atrelados ao paganismo, à multiplicidade de deuses vaidosos e inconsequentes e à incompreensão de que

o mundo espiritual é energia sutilizada, onde o pensamento se irradia sob a forma de luz de potências variáveis conforme o grau de perfeição de cada Espírito e, sendo Jesus um Espírito Puro, tudo que contrarie essa forma de entender representa um quase sacrilégio, que rebaixa Sua Dignidade de Divino Governador da Terra, que a moldou a partir da energia cósmica [2], conforme relatado no livro de Emmanuel, já mencionado.

4 – POR QUE MUITOS EVITAM ENCONTRAR O JESUS VERDADEIRO

Encontrar o Jesus verdadeiro é desmaterializar-se, deixar para trás as concepções inadequadas a seres espirituais mais evoluídos, aos Espíritos que habitarão o mundo de regeneração, em que a Terra está se transformando.

O Jesus das estátuas dos templos cristãos e das representações dos artistas que não Lhe captaram a envergadura espiritual não pode mais ser levado em conta na procura pelo Jesus Cósmico.

Este último é Espírito Puro, sem as mazelas que caracterizam os seres ligados ao planeta Terra. Por isso, para O compreenderem necessitam tentar igualar-se a Ele, dentro do possível, desapegando-se das coisas e interesses do mundo, rompendo os grilhões do orgulho, do egoísmo e da vaidade. Somente assim é possível entender-se, assim mesmo imperfeitamente, Quem é Essa Personalidade quase Divina.

Muitos se esquivam de procurar Esse Espírito através das suas reflexões e idealizações, porque encontrarão o espelho da própria consciência cobrando-lhes a transformação moral entremostrada nas afirmações do Sermão da Montanha: terão de transmutar-se em mansos, pacíficos, puros de coração e pobres de espírito, o que desagrada a maioria, prisioneira dos paradigmas romanos, germânicos, dominadores, como Alexandres e Césares, ditadores e líderes rudes e frios em todas as áreas, inclusive dentro dos setores da própria religiosidade hierarquizada do mundo, onde entronizaram a própria vaidade em lugar de Jesus, que é o verdadeiro Modelo das virtudes e Dirigente Planetário, no caminho da evolução intelectual e moral.

Assim, fala-se em Jesus mas evitam-se as atitudes que correspondem aos Seus Exemplos ou então, como outros, que se orgulham de uma intelectualidade dita superior, colocaram a Ciência materialista num pedestal e a adoram, tal como os irreverentes revolucionários franceses de 1789 entronizaram a

Razão e representaram-na na figura de uma mulher infeliz e inconsequente.

Muitos modernos cultores da Razão evitam encontrar o Jesus Cósmico, porque Ele lhes fará enxergar suas próprias mazelas interiores, seus equívocos morais, sua má vontade em ser honestos com a própria consciência.

Jesus não cobra nada, tal como não obrigou o orgulhoso senador Públio Lântulo Cornélio a mudar de vida, mas quem O encontra nunca mais será o mesmo, pois a consciência se lhe aflora e passa a latejar como ferida exposta, que somente será curada quando a Luz da Aura Crística se casar o mais próxima possível com as irradiações do Espírito em evolução.

Lágrimas incoercíveis irão brotar de vez em quando, uma insatisfação incompreensível mas dolorosa irá contrair as fibras mais íntimas do ser e tudo estará coberto por um cinzento panorama exterior enquanto aquele ser humano recalitrar depois de ter ingressado na sua individual “estrada de Damasco”.

Públio Lântulo somente começou a experimentar a paz a partir do momento em que se rendeu à Luz que o Divino Pastor inseriu no seu coração insubmisso e não sabemos se sua consciência se pacificou integralmente, mesmo depois de dois milênios após o Memorável Encontro descrito em “Há Dois Mil Anos”.

5 – CRISTIANISMO SEM JESUS

Tanto quanto se desvirtuaram todas as demais formas de crer em Deus, as Lições de Jesus acabaram sendo corrompidas nos livros e pregações de homens e mulheres que se recusaram a vivenciar Seus Exemplos. Preferiram assumir postos de comando sem legitimidade, porque não calcados no Amor, que Ele mencionou como a insígnia identificadora dos Seus verdadeiros discípulos.

Francisco Cândido Xavier, com razão, afirmou: “Não reconhecemos autoridade em quem não Ama”. Assim também quanto àqueles que se arvoram em representantes de Deus ou de Jesus sem Amar a tudo e todos, como Francisco de Assis e Madre Tereza de Calcutá.

A própria Doutrina Espírita está, infelizmente, seguindo para o mesmo abismo em que caíram o Judaísmo, o Cristianismo Católico e Protestante, sem contar as outras formas de se crer em Deus.

Preocupados com cargos e postos de evidência, muitos se esquecem da humildade, da simplicidade e do desapego, construindo Centros Espíritas cada vez mais luxuosos, incrementando atividades paralelas, mas sem o Evangelho dentro do próprio coração.

Sacerdotes, líderes de coletividades, membros egressos da antiga nobreza, políticos e milionários reencarnados tentam assumir o comando do Movimento Espírita, marginalizando os verdadeiros missionários do Bem, como fizeram os violentos e orgulhosos, que passaram do paganismo ao Judaísmo, ao Cristianismo e assim por diante.

Não se instituiu um Papado dentro da Doutrina Espírita por absoluta impossibilidade, mas alguns chegariam a quase isso, caso pudessem, sem escandalizar a maioria, tamanha sua sede de poder.

Com a desencarnação de Francisco Cândido Xavier, que representava um verdadeiro Pilar de Espiritualidade e desapego às coisas do mundo, fragilizou-se o edifício do

Espiritismo no mundo materializado e adorador de César e Mamom.

Reflitam sobre o que acabamos de dizer, o que representa a mais pura realidade do momento, em que declaram-se espíritas aqueles que pretendem ter na Doutrina de Jesus apenas um meio mais fácil de conseguir benesses materiais às custas dos Espíritos, querendo transformar o mundo espiritual em outro sistema de “compra e venda de indulgências”!

6 – O CIENTIFICISMO EM LUGAR DO EVANGELISMO

Depois de cumprida a missão de eminentes cientistas, sobretudo no século XIX, os quais demonstraram insofismavelmente a realidade espiritual, tinha-se de passar à fase seguinte, que é a da evolução moral, objetivo maior de Jesus. Todavia, evitando abordar a parte evangélica da Doutrina Espírita, pois que esta os incomoda, muitos intelectuais ou aqueles que se julgam tais, têm procurado transformar a Religião do Cristo em laboratório de experimentações ditas científicas, para “reinventar a roda”, ou seja, confirmar o que Allan Kardec e outros missionários já relataram há mais de um século e meio.

Na seara espírita atual muitos tentam banir o evangelismo e consagrar nomes de pesquisadores muitas vezes encastelados no orgulho, tementes da autorreforma moral, os quais remastigam temas ultrapassados, como a probabilidade da vida após a morte do corpo, a natureza do perísprito e outros.

Muitos Centros Espíritas têm-se transvestido em templos do cientificismo desarrazoado, onde pseudocientistas e intelectuais de questionável competência desviam a atenção dos necessitados de esclarecimento espiritual, sofredores que repetem aqueles que acompanhavam as Lições de Jesus, procurando ensinar-lhes complicadas teses sobre temas científicos, ao invés de mostrar-lhes o caminho simples e direto da autorreforma moral, com base no Evangelho.

Ai desses falsos profetas da atualidade, porque lhes será cobrado o mau uso que fizeram da palavra falada ou escrita e dos postos que assumiram no comando da Doutrina que é sobretudo de Amor.

7 – “MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO”

Durante muito tempo os doutos discutiram sobre o significado da expressão acima: “Meu Reino não é deste mundo”, sendo que alguns entenderam que o Divino Pastor estaria considerando sem importância a vida dos Espíritos enquanto encarnados e todas as coisas que dizem respeito à sua vida durante esses períodos. Todavia, a interpretação mais conforme com a Perfeição das Leis Divinas é a de que o Divino Governador Planetário teria querido informar que sua forma de Governar em nada se assemelha à dos reis e governantes encarnados em geral, os quais, principalmente naqueles tempos de primitivismo intelecto-moral, visavam muito mais os seus próprios interesses que os dos seus súditos, a quem tratavam como subalternos e conferiam apenas um ou outro favor, como os arbitrários deuses do Olimpo.

Em primeiro lugar, não se deve entender a expressão Reino na sua acepção terrena, mas sim na de Governo, no sentido mais espiritualizado possível da palavra, pois Jesus foi encarregado de Formar o planeta e Governá-lo segundo as Leis Divinas.

Quanto à vida alternada dos seres no mundo material e no mundo espiritual é um item das Leis Divinas, que contemplam a sequência inspiração-expiração, absorção-excreção, contração-distensão, sofrimento-alegria, saúde-doença e outras formas de alternância, que promovem a evolução.

Para Jesus o mundo espiritual não é mais importante que o material nem vice-versa, pois Ele é o Governador da Terra, considerada nos seus dois estilos complementares e opostos de vida. Não há um Governo para uma realidade e outro para a outra, mas um único Comando, que rege não só a Terra e seus habitantes de todos os níveis, mas o Universo inteiro.

A consequência prática para os seres ligados a este planeta é de que devem trabalhar para a própria evolução e a das realidades espiritual e material do mundo terráqueo.

A observação de que “a letra mata e o espírito vivifica” vale também para este tópico, afirmado por Jesus. Atente-se para ele e cada um cumpra seus deveres da melhor forma que conseguir, quer estando encarnado quer desencarnado.

8 – GOVERNADOR E NÃO REI

Jesus não se afirmou rei, mas simplesmente replicou a Pilatos quando este Lhe indagou se era rei: “-Vós o dizeis”, pois, na verdade, somente Deus pode ser comparado a um Rei, pois é o Criador.

Ao afirmar: “Meu Reino não é deste mundo” estaria querendo significar que o Reino de Deus, do qual é Governador do planeta Terra, não se rege pelo arbítrio, a violência, a maldade, a desigualdade, como sói acontecer nos governos terrenos.

É interessante notar como Emmanuel, no mencionado livro, fez questão de categorizá-l’O como Governador, o que, aliás, não é de surpreender-se. Todavia, foi Léon Denis, em “Cristianismo e Espiritismo”, quem, anteriormente, tinha sido incisivo ao identificar Jesus como “Governador espiritual deste planeta”.

Um Governador é subordinado a um Dirigente mais importante, a quem deve obedecer e a um regramento legislativo, ao qual está adstrito, não podendo satisfazer seus caprichos pessoais, mas apenas trabalhar conforme estabelecido por essas normas e pela vontade do Senhor.

Com os esclarecimentos acima expostos, os espíritas passam a compreender que não devem estar a pedir o impossível, ou seja, pretender burlar as Leis Divinas, pois nem Jesus pode fazê-lo, tanto que disse: “Eu não vim derrogar a Lei, mas cumpri-la” também no sentido a que nos referimos e não apenas naquele de desprestigiar os ensinamentos de Moisés e dos profetas do povo hebreu.

9 – O LIVRE ARBÍTRIO

O Governador Planetário não tem o poder de violentar o livre arbítrio dos Seus pupilos humanos em favor do bem-estar geral, dos interesses da maioria, bem como, por outro lado, cada um não pode ultrapassar determinados limites, conforme Ele esclarece em “A Grande Síntese”:

Não confundais a ordem e a presença da Lei com um automatismo mecânico e um fatalismo absurdo. A ordem, vo-lo disse, não é rígida, mas apresenta espaços elásticos, contém subdivisões de desordem, imperfeição, complica-se em reações, mas permanece ordem e lei no conjunto, no absoluto. Um exemplo: em oposição à vontade da Lei, tendes a vontade de vosso livre arbítrio, mas é vontade menor, marginalizada, circunscrita por aquela vontade maior; podeis agitar-vos a vosso bel prazer, como dentro de um recinto, não além dele.

Essa movimentação vos é permitida, porque necessária para que sejais livres e responsáveis no ambiente que vos cerca; possais, assim, com liberdade e responsabilidade, conquistar vossa felicidade. Resolvi (assim de passagem) o conflito que para vós é insolúvel entre determinismo e livre-arbítrio. Estes conceitos levar-vos-ão, posteriormente, a conceber uma exata moral científica.

É importante o conhecimento dessa realidade, porque, em caso contrário, uns se julgam injustiçados ao verem outros cometerem abusos, acobertados pela aparente impunidade, com isso justificando seu pessimismo e falta de vontade em evoluir, sob o argumento de que o Mal prevalece sobre o Bem. Esse ponto de vista é totalmente equivocado, pois a Lei de Causa e Efeito é infalível e “cada um recebe segundo suas obras”.

Jesus não é um juiz, segundo os padrões terrenos, mas sim o Grande Coordenador da evolução dos seres ligados ao planeta Terra, sendo inconcebível para nós como Ele atua no cumprimento do Seu Trabalho. Todavia, é certo que Ele

Trabalha, tanto que disse: “Eu Trabalho, como Meu Pai também Trabalha.”

Pode-se deduzir, sem medo de errar, que, como Governador Planetário, Ele terá Sua faixa de autonomia na condução do Seu Trabalho, inclusive porque trata-se de um Espírito em evolução, que iniciou Sua trajetória de aperfeiçoamento como todos os outros.

10 – O MUNDO DE REGENERAÇÃO [3]

Quando Divaldo Pereira Franco afirmou - em palestra realizada em Lyon, França, em 2008 - que a situação geral iria piorar até 2012 e, a partir daí, iria melhorando até que, daí a uma ou duas gerações, a Terra já estaria categorizada como mundo de regeneração, estava revelando que o Planejamento do Governador Planetário não está sujeito a contratempos.

Afirmam-se várias datas-limites, todavia, a informação acima pode ser acreditada, devido à qualificação espiritual do missionário baiano, o qual fala normalmente não emite opiniões pessoais, mas apenas traduz aquilo que lhe é determinado pelos seus Orientadores Espirituais, principalmente Joanna de Ângelis, Espírito de elevada posição na hierarquia espiritual da Terra.

11 – SEUS ASSESSORES

Os próprios encarnados têm informações sobre alguns dos mais importantes Assessores do Divino Governador da Terra: dessa forma, se sabe que Ismael é o Guia Espiritual do Brasil, Helil é o encarregado das questões sociológicas da Terra e assim por diante.

Como informa o próprio Codificador, constante da Nota 3, os Espíritos não estão ligados indefinidamente a um planeta, principalmente os Espíritos Superiores, a não ser que assim o queiram, como é o caso de Bezerra de Menezes, que, mesmo promovido, pediu e recebeu autorização para continuar auxiliando o progresso dos Espíritos que habitam a Terra.

Dessa forma, pode-se deduzir, sem medo de errar, que nem todos os Assessores de Jesus continuam ligados ao Seu Comando na Administração da Terra, substituindo-se por outros de igual posição na hierarquia espiritual, pois nomes não são importantes, mas o bom desempenho das tarefas.

A maioria desses Grandes Espíritos sequer teve seu nome registrado na História terrena, apesar de serem conhecidos nos Anais da Espiritualidade Superior, pois a verdadeira História é aquela anotada no mundo extracorporal, enquanto que a dos encarnados contempla normalmente os guerreiros, os políticos e outros Espíritos cujo nível evolutivo nem sempre os faz merecedores de integrar o rol dos Assessores graduados do Divino Governador Planetário. Assim é que o Espírito São Luiz, cujas encarnações conhecidas do mundo terreno são: Alexandre da Macedônia-Caio Júlio César-Luiz IX da França-Napoleão Bonaparte-Mikhail Gorbatchev, não foi sequer mencionado por Emmanuel em “A Caminho da Luz”, pois sua graduação espiritual não era digna de figurar entre os Grandes Espíritos, enquanto que foi referenciado naquela obra, como Júlio César, como mero político maneiroso e aparece já como missionário, todavia com atuação contraditória, cheia de altos e baixos, como Luiz IX da França

e Napoleão Bonaparte. O fato de não ter sido lembrado como Gorbatchev se deve a mera questão de datas, porque a obra foi ditada quando o missionário ainda era criança na atual encarnação.

Por aí, por exemplo, se vê que os paradigmas são diferentes dos terrenos e que, para um Espírito ser considerado verdadeiro Assessor de Jesus, é necessário o preenchimento daquele requisito que Ele já tinha mencionado há dois mil anos: “Conhecereis Meus discípulos pelo seu muito Amor”. Não basta ser um Espírito antigo para merecer incumbências realmente importantes na evolução dos seres da Terra.

12 – CONTATO MENTAL COM ELE

Mais importante que as palavras e, até os pensamentos, são as emissões espontâneas de cada Espírito, que funcionam como sua transpiração espiritual, gerando a sintonia com aqueles que vibram na mesma frequência psíquica, mas também interagindo com todos os demais seres.

Jesus não espera que nos elevemos até Ele, pois que tal nunca acontecerá, devido à imensa distância evolutiva que nos separa d’Ele, mas, como Espírito integrado na mentalidade do Amor Universal, desce psiquicamente ao nosso alcance, para que cada um, dentro das suas possibilidades, comungue com Ele da Sua intimidade psíquica.

Não há um ser sequer na Terra que não receba do Divino Pastor Suas Emanações de Afeto e Inteligência e, em contrapartida, não O recompense com as próprias vibrações, quer sejam harmônicas, quer sejam inferiores: a interdependência dos seres é uma das Leis de Deus. Os mais elevados comungam com os iniciantes na escalada evolutiva, num Abraço Universal. Pode-se compreender essa afirmação por esta outra verdade: os venenos são remédios se ministrados na dose certa tanto quanto os remédios são venenos se utilizados em dose inadequada. Não há seres desprezíveis nem indignos do Amor de Jesus, mas apenas irmãos e irmãs inconscientes das próprias necessidades evolutivas. Tudo depende do ponto de vista de quem analisa, pois todos são filhos de Deus e o “filho pródigo” da parábola é um mero caminheiro, tanto quanto o filho obediente e sensato.

Mesmo os Espíritos rebeldes recebem e dão de si, nessa permuta incessante, pois o intercâmbio é automático, sem necessidade da participação da vontade individual, apesar de que esta, sendo bem direcionada, dá mais força à potência mental positiva.

Basta algum ser existir para dar e receber os eflúvios psíquicos de todos os outros: assim, Jesus, Espírito Puro, conhecedor de todas as Leis Divinas, atua sobre os seres

terrenos de forma imperceptível para a maioria, e claramente para aqueles que já compreendem essas Leis.

Orar é uma das formas que temos de nos enriquecer de bênçãos do Divino Pastor de nossas almas. Por isso, devemos sempre orar, principalmente para agradecer as benesses que recebemos do Pai Celestial e do Divino Governador da Terra.

13 – A SEDE DA GOVERNADORIA

Qualquer espírita razoavelmente bem informado - mas principalmente os médiuns videntes - sabe que, nos Centros Espíritas, pouco importa para os Espíritos Dirigentes o espaço físico da construção terrena, uma vez que assentam naquele local outras edificações, constituídas de material sutilizado, as quais, normalmente, ultrapassam, de muito, as dimensões das construções terrenas ali edificadas, de tal forma que subsistem, no mesmo local, estruturas formadas de materiais de frequência vibratória diversa, uma não interferindo na outra. Assim também é o mundo espiritual, em que as moléculas vibram em uma frequência muito maior e, portanto, não se confundem com as moléculas da matéria visível aos olhos de carne. Em um mesmo ponto físico podem existir muitas realidades diferentes, havendo Universos superpostos: isso é uma realidade, que a Ciência terrena tem como demonstrar, por exemplo, através das ondas de rádio, que se entrecruzam sem se chocarem.

Raciocinando nessa linha de pensamento, pode-se, facilmente, concluir que a Governadoria do planeta não precisa, necessariamente, estar acima, nem distante, da estrutura terráquea dos encarnados, pois o que conta é a frequência vibratória, aliás, imensamente superior ao que se possa imaginar, principalmente devido à elevação espiritual do próprio Divino Governador Planetário.

É importante que os encarnados se desvinculem das noções rudimentares de matéria palpável, como a percebem pelos seus pobres cinco sentidos. Aliás, o sexto sentido, representado pela mediunidade, concede uma percepção muito maior da realidade da própria matéria, que nada tem de compacta, a não ser para quem está na mesma frequência que ela.

Jesus, pelo Seu Poder Mental, está em toda parte no que pertine ao planeta a quem cumpre Governar, pois, em caso contrário, seria equivalente aos governantes terrenos, que ficam cientes do que sucede aos seus governados através dos

meios de comuns comunicação e das informações dos seus assessores.

É preciso que cada espírita abra a mente para a realidade espiritual, a qual é muito diferente da terrena. Pela falta dessa compreensão é que a maioria dos Espíritos enfrenta dificuldades de monta na sua adaptação à vida espiritual, pois são diferentes os referenciais de espaço-tempo e tudo passa a depender unicamente do psiquismo ao invés dos movimentos corporais. Pode-se comparar as duas situações com a de um mergulhador que tenha passado longo período submerso no mar, o qual precisará de passar por um processo de descompressão ao subir à superfície, a de uma pessoa que saia de um ambiente escuro e tenha de encarar a luminosidade solar, e assim por diante.

Deve-se desvincular a mente da noção primitivista de Jesus sentado num trono, rodeado de anjos alados e outras alegorias vindas das crenças das civilizações primárias, pois o Divino Governador não seria um ser limitado, como um deus do monte Olimpo, mas é, sim, um Espírito Poderoso pela Sua Obediência ao Pai e às Leis pelo Pai estabelecidas.

14 – A APARÊNCIA DE JESUS

Cada artista do pincel ou do cinzel retratará Jesus de acordo com suas preferências pessoais. Na verdade, se quando encarnado Ele teve de apresentar-se com determinados traços fisionômicos e corporais, Sua aparência como Espírito da elevação que é, logicamente, em nada se pode comparar aos Espíritos menos graduados e, principalmente, aos imperfeitos.

As próprias dimensões do seu perísprito serão imensamente superiores ao destes últimos, bem como a luminosidade, podendo-se dizer, sem medo de errar, que é um Foco de Luz de extensão incalculável.

As idealizações que cada fiel faz d'Ele pouco Lhe importam, pois cada um somente consegue enxergar conforme as lentes que usa. Todavia, é conveniente que aqueles que pretendem compreendê-l'O melhor se compenetrem de que um Espírito dessa estatura evolutiva é Luz e não corpo, mesmo que sutilizado.

A Pintura, por exemplo, é inadequada para retratar-Lhe a aparência, a não ser que se trate de um médium vidente de grande evolução espiritual.

Sabemos que a representação da capa deste livro é pobre, mas tem, pelo menos, a vantagem de tentar mostrar que Sua figura é de dimensão incalculável, misturando-se a estrelas e astros, num conjunto de beleza indescritível através do limitado vocabulário terreno.

15 – POR QUE JESUS FOI ESCOLHIDO COMO GOVERNADOR PLANETÁRIO [4]

Até hoje muitos Espíritos encarnados e desencarnados questionam a superioridade de Jesus, inclusive considerando-O mais um dentre os inúmeros profetas ou até mero revolucionário ou coisa pior. Todavia, para quem está realmente imbuído de boa fé e com a mente aberta pela imparcialidade, vê claramente que Sua Vida e Seus Ensinamentos, quando encarnado, superam, de muito, todos os demais seres humanos que passaram pela Terra. Somente o facciosismo ou a má fé impedem o reconhecimento desse fato.

Ao lerem a Nota 4, intitulada “O Chefe”, os prezados leitores compreenderão o porquê da Escolha, por Deus, desse Espírito Puro para Moldar e Dirigir este planeta que habitamos e como Ele o Governa.

Sua Perfeição Relativa o fez ideal para a Tarefa, sendo todos os demais missionários que por aqui passaram meros aprendizes da Sua Sabedoria e Amor.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, Médiun de Deus para os habitantes da Terra!

NOTAS

[1] Em “A Grande Síntese” consta:

A Lei. Eis a ideia central do Universo, o sopro divino que o anima, governa e movimenta, tal como vossa alma, pequena centelha dessa grande luz, governa vosso corpo. O universo de matéria estelar que vedes, é como a casca, a manifestação externa, o corpo daquele princípio que reside no âmago, no centro.

Vossa ciência, que observa e experimenta, permanece na superfície e procura encontrar esse princípio através de suas manifestações. As poucas verdades particulares que aprendeu, são apenas farrapos mal remendados da grande Lei. A ciência observa, supõe um princípio secundário, deduz uma hipótese, trabalha sobre ela, esperando uma confirmação da experiência, e daí conclui uma teoria. Mas vislumbrou somente pequena ramificação derradeira do conceito central, porque este defenderá com o mistério até que o homem seja menos malvado, menos propenso a fazer mau uso do saber e mais digno de olhar na face as coisas santas. Falo-vos de coisas eternas e não vos choque esta linguagem, para vós anticientífica; ela se mantém fora da psicologia que vosso atual momento histórico vos proporciona. Minha ciência não é como a vossa, ciência agnóstica, impotente para concluir; nem é ciência de um dia. Lembrai-vos de que a verdadeira ciência toca e mergulha nos braços do mistério: sagrado, santo e divino. A verdadeira ciência é religião e prece, só pode ser verdadeira se também for fé de apóstolo e heroísmo de mártir.

A Lei é Deus. Ele é a grande alma que está no centro do universo. Não centro espacial, mas centro de irradiação e de atração. Desse centro, Ele irradia e atrai, pois Ele é tudo: o princípio e suas manifestações. Eis

como Ele pode — coisa inconcebível para vós — ser realmente onipresente.

É necessário esclarecer este conceito. Chegou o momento de retomar a ideia de que partimos, dos três aspectos do universo, para aprofundá-la.

A esses três aspectos correspondem três modos de ser do universo.

A estrutura ou forma, o movimento ou vir-a-ser, o princípio ou lei, podem também denominar-se:

Matéria Energia Espírito

ou também, movendo-se no sentido inverso:

Pensamento Vontade Ação.

Do primeiro modo de ser, que é:

Espírito Pensamento Princípio ou Lei

deriva o segundo, que é:

Energia Vontade Movimento ou vir-a-ser

e do segundo, o terceiro que é:

Matéria Ação Estrutura ou forma.

Esses três modos de ser estão coligados por relações de derivação recíproca. Para tornar mais simples a exposição, reduziremos esses conceitos a símbolos. A ideia pura, o primeiro modo de ser do universo, a que chamaremos espírito, pensamento, Lei, que representaremos com a letra α (alfa); condensa-se e se materializa, revestindo-se com a forma de vontade, concentrando-se em energia, exteriorizando-se no movimento, segundo modo de ser que representaremos com a letra β (beta); num terceiro tempo, passamos (em virtude de mais profunda materialização ou condensação, ou exteriorização), ao modo de ser que denominamos

matéria, ação, forma, isto é, o mundo de vossa realidade exterior, representaremos com a letra γ (gama).

O universo resulta constituído por uma grande onda que, de α , o espírito, (puro pensamento, a Lei que é Deus) caminha para um devenir contínuo, movimento feito de energia e vontade (β) para atingir seu último termo, γ , a matéria, a forma. Dando ao sinal \rightarrow o sentido de “vai para”, poderemos dizer: $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$.

O espírito, α , é o princípio, o ponto de partida dessa onda; γ , a matéria, é o ponto de chegada. Mas compreendereis, qualquer movimento, se ampliado constantemente numa só direção, deslocaria todo o universo (em sentido lato, não apenas espacial), com acúmulos de um lado e vazios de outro, proporcionais e definitivos. Então é necessário, para manter o equilíbrio, que a grande onda de ida seja compensada por outra onda equivalente de volta. Isso é também lógico e se realiza em virtude de uma lei de complementaridade, pela qual cada unidade é metade de outra unidade mais completa. O movimento que existe no universo não é jamais um deslocamento unilateral, efetivo e definitivo, mas é a metade de um ciclo que retorna ao ponto de partida, após haver cumprido determinado devenir, uma vibração de ida e volta, completa em sua contraparte inversa e complementar.

A esse movimento descêntrico que vimos, a expansão e a exteriorização, $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ segue-se então um movimento concêntrico inverso: $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. Há, pois, o movimento inverso, pelo qual a matéria se desmaterializa, desagrega-se e expande-se em forma de energia, vontade, movimento; é um tornar-se, que por meio das experiências de infinitas vidas, reconstrói a consciência ou espírito. Aqui, o ponto de partida é γ , a matéria, e o ponto de chegada é α , o espírito. Assim, a espiral, que antes era aberta, agora se fecha; a pulsação de regresso completa o ciclo iniciado pelo de ida.

Este é o conceito central do funcionamento orgânico do universo. A primeira onda refere-se à criação, à origem da matéria, à condensação das nebulosas, à formação dos sistemas planetários, do vosso sol, do vosso planeta, até à condensação máxima. A segunda onda, de regresso, é a que vos interessa e viveis agora, refere-se à evolução da matéria até às formas orgânicas, à origem da vida; com a vida, tem-se a conquista de uma consciência cada vez mais ampla, até a visão do Absoluto. É a fase de regresso da matéria que, por meio da ação, da luta, da dor, reencontra o espírito e volta à ideia pura, despojando-se, pouco a pouco, de todas as cascas da forma.

Estas simples indicações já esboçam a solução de muitos problemas científicos, como o da constituição da matéria, ou como o da possibilidade de, por desagregação, extrair dela, como de imenso reservatório, a energia, que não seria senão a passagem de $\gamma \rightarrow \beta$. A energia atômica que procurais, existe, e a encontrareis⁶.

Estes apontamentos projetam a solução de muitos complexos problemas morais. Diante da grande caminhada que seguis está escrita a palavra evolução e a ciência não pôde deixar de vê-la, mas apenas a vislumbrou nas formas orgânicas e não em toda sua imensa vastidão. Vosso ciclo poderia definir-se como um físeo-dínamo-psiquismo. A fórmula é $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$.

[2] Vê-se em “A Caminho da Luz”

I

A Gênese planetária

A COMUNIDADE DOS ESPÍRITOS PUROS

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as

rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.

A CIÊNCIA DE TODOS OS TEMPOS

Não é nosso propósito trazer à consideração dos estudiosos uma nova teoria da formação do mundo. A Ciência de todos os séculos está cheia de apóstolos e missionários. Todos eles foram inspirados ao seu tempo, refletindo a claridade das Alturas, que as experiências do Infinito lhes imprimiram na memória espiritual, e exteriorizando os defeitos e concepções da época em que viveram, na feição humana de sua personalidade.

Na sua condição de operários do progresso universal, foram portadores de revelações gradativas, no domínio dos conhecimentos superiores da Humanidade. Inspirados de Deus nos penosos esforços da verdadeira civilização, as suas ideias e trabalhos merecem o respeito de todas as gerações da Terra, ainda que as novas expressões evolutivas do plano cultural das sociedades mundanas tenham sido obrigadas a proscrever as suas teorias e antigas fórmulas.

Lembrando-nos, porém, mais detidamente, de quantos souberam receber a intuição da realidade nas

perquirições do Infinito, busquemos recordar o globo terráqueo nos seus primeiros dias.

OS PRIMEIROS TEMPOS DO ORBE TERRESTRE

Que força sobre-humana pôde manter o equilíbrio da nebulosa terrestre, destacada do núcleo central do sistema, conferindo-lhe um conjunto de leis matemáticas, dentro das quais se iam manifestar todos os fenômenos inteligentes e harmônicos de sua vida, por milênios de milênios? Distanto do Sol cerca de 149.600.000 quilômetros e deslocando-se no espaço com a velocidade diária de 2.500.000 quilômetros, em torno do grande astro do dia, imaginemos a sua composição nos primeiros tempos de existência, como planeta.

Laboratório de matérias ignescentes, o conflito das forças telúricas e das energias físico-químicas opera as grandiosas construções do teatro da vida, no imenso cadinho onde a temperatura se eleva, por vezes, a 2.000 graus de calor, como se a matéria colocada num forno, incandescente, estivesse sendo submetida aos mais diversos ensaios, para examinar-se a sua qualidade e possibilidades na edificação da nova escola dos seres. As descargas elétricas, em proporções jamais vistas da Humanidade, despertam estranhas comoções no grande organismo planetário, cuja formação se processa nas oficinas do Infinito.

A CRIAÇÃO DA LUA

Nessa computação de valores cósmicos em que laboram os operários da espiritualidade sob a orientação misericordiosa do Cristo, delibera-se a formação do satélite terrestre.

O programa de trabalhos a realizar-se no mundo requeria o concurso da Lua, nos seus mais íntimos detalhes. Ela seria a âncora do equilíbrio terrestre nos movimentos de translação que o globo efetuará em torno da sede do sistema; o manancial de forças ordenadoras da estabilidade planetária e, sobretudo, o orbe nascente

necessitaria da sua luz polarizada, cujo suave magnetismo atuaria decisivamente no drama infinito da criação e da reprodução de todas as espécies, nos variados reinos da Natureza.

A SOLIDIFICAÇÃO DA MATÉRIA

Na grande oficina surge, então, a diferenciação da matéria ponderável, dando origem ao hidrogênio.

As vastidões atmosféricas são amplo repositório de energias elétricas e de vapores que trabalham as substâncias torturadas no orbe terrestre. O frio dos espaços atua, porém, sobre esse laboratório de energias incandescentes e a condensação dos metais verifica-se com a leve formação da crosta solidificada.

É o primeiro descanso das tumultuosas comoções geológicas do globo. Formam-se os primitivos oceanos, onde a água tépida sofre pressão difícil de descrever-se. A atmosfera está carregada de vapores aquosos e as grandes tempestades varrem, em todas as direções, a superfície do planeta, mas sobre a Terra o caos fica dominado como por encanto. As paisagens aclaram-se, fixando a luz solar que se projeta nesse novo teatro de evolução e vida.

As mãos de Jesus haviam descansado, após o longo período de confusão dos elementos físicos da organização planetária.

O DIVINO ESCULTOR

Sim, Ele havia vencido todos os pavores das energias desencadeadas; com as suas legiões de trabalhadores divinos, lançou o escopro da sua misericórdia sobre o bloco de matéria informe, que a Sabedoria do Pai deslocara do Sol para as suas mãos augustas e compassivas. Operou a escultura geológica do orbe terreno, talhando a escola abençoada e grandiosa, na qual o seu coração haveria de expandir-se em amor, claridade e justiça. Com os seus exércitos de trabalhadores devotados, estatuiu os regulamentos dos

fenômenos físicos da Terra, organizando-lhes o equilíbrio futuro na base dos corpos simples de matéria, cuja unidade substancial os espectroscópios terrenos puderam identificar por toda a parte no universo galáxico. Organizou o cenário da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência dos seres do porvir. Fez a pressão atmosférica adequada ao homem, antecipando-se ao seu nascimento no mundo, no curso dos milênios; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera, onde se harmonizam os fenômenos elétricos da existência planetária, e edificou as usinas de ozônio a 40 e 60 quilômetros de altitude, para que filtrassem convenientemente os raios solares, manipulando-lhes a composição precisa à manutenção da vida organizada no orbe. Definiu todas as linhas de progresso da humanidade futura, engendrando a harmonia de todas as forças físicas que presidem ao ciclo das atividades planetárias.

O VERBO NA CRIAÇÃO TERRESTRE

A ciência do mundo não lhe viu as mãos augustas e sábias na intimidade das energias que vitalizam o organismo do Globo. Substituíram-lhe a providência com a palavra "natureza", em todos os seus estudos e análises da existência, mas o seu amor foi o Verbo da criação do princípio, como é e será a coroa gloriosa dos seres terrestres na imortalidade sem fim.

E quando serenaram os elementos do mundo nascente, quando a luz do Sol beijava, em silêncio, a beleza melancólica dos continentes e dos mares primitivos, Jesus reuniu nas Alturas os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sobre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de forças cósmicas, que envolveu o imenso laboratório planetário em repouso.

Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como no fundo dos oceanos, podia-se observar a

existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra.

Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada.

Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens.

II

A vida organizada

AS CONSTRUÇÕES CELULARES

Sob a orientação misericordiosa e sábia do Cristo, laboravam na Terra numerosas assembleias de operários espirituais.

Como a engenharia moderna, que constrói um edifício prevendo os menores requisitos de sua finalidade, os artistas da espiritualidade edificavam o mundo das células iniciando, nos dias primevos, a construção das formas organizadas e inteligentes dos séculos porvindouros.

O ideal da beleza foi a sua preocupação dos primeiros momentos, no que se referia às edificações celulares das origens.

É por isso que, em todos os tempos, a beleza, junto à ordem, constituiu um dos traços indeléveis de toda a criação.

As formas de todos os reinos da natureza terrestre foram estudadas e previstas. Os fluidos da vida foram manipulados de modo a se adaptarem às condições físicas do planeta, encenando-se as construções celulares segundo as possibilidades do ambiente terrestre, tudo obedecendo a um plano preestabelecido pela misericordiosa sabedoria do Cristo, consideradas as leis do princípio e do desenvolvimento geral.

OS PRIMEIROS HABITANTES DA TERRA

Dizíamos que uma camada de matéria gelatinosa envolvera o orbe terreno em seus mais íntimos contornos.

Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos.

Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminóides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos.

Com o escoar incessante do tempo, esses seres primordiais se movem ao longo das águas, onde encontram o oxigênio necessário ao entretenimento da vida, elemento que a terra firme não possuía ainda em proporções de manter a existência animal, antes das grandes vegetações; esses seres rudimentares somente revelam um sentido - o do tato, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores.

A ELABORAÇÃO PACIENTE DAS FORMAS

Decorrido muito tempo, eis que as amebas primitivas se associam para a vida celular em comum, formando-se as colônias de infusórios, de polípeiros, em obediência aos planos da construção definitiva do porvir, emanados do mundo espiritual onde todo o progresso da Terra tem a sua gênese.

Os reinos vegetal e animal parecem confundidos nas profundidades oceânicas. Não existem formas definidas nem expressão individual nessas sociedades de infusórios; mas, desses conjuntos singulares, formam-se ensaios de vida que já apresentam caracteres e rudimentos dos organismos superiores.

Milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, nos serviços da elaboração paciente das formas.

A princípio, coordenam os elementos da nutrição e da conservação da existência. O coração e os brônquios são conquistados e, após eles, formam-se os pródromos celulares do sistema nervoso e dos órgãos da procriação, que se aperfeiçoam, definindo-se nos seres.

AS FORMAS INTERMEDIÁRIAS DA NATUREZA

A atmosfera está ainda saturada de umidade e vapores, e a terra sólida está coberta de lodo e pântanos inimagináveis.

Todavia, as derradeiras convulsões interiores do orbe localizam os calores centrais do planeta, restringindo a zona das influências telúricas necessárias à manutenção da vida animal.

Esses fenômenos geológicos estabelecem os contornos geográficos do globo, delineando os continentes e fixando a posição dos oceanos, surgindo, desse modo, as grandes extensões de terra firme, aptas a receber as sementes prolíficas da vida.

Os primeiros crustáceos terrestres são um prolongamento dos crustáceos marinhos. Seguindo-lhes as pegadas, aparecem os batráquios, que trocam as águas pelas regiões lodosas e firmes.

Nessa fase evolutiva do planeta, todo o globo se veste de vegetação luxuriante, prodigiosa, de cujas florestas opulentas e desmesuradas as minas carboníferas dos tempos modernos são os petrificados vestígios.

OS ENSAIOS ASSOMBROSOS

Nessa altura, os artistas da criação inauguram novos períodos evolutivos, no plano das formas.

A Natureza torna-se uma grande oficina de ensaios monstruosos.

Após os répteis, surgem os animais horrendos das eras primitivas.

Os trabalhadores do Cristo, como os alquimistas que estudam a combinação das substâncias, na retorta de acuradas observações, analisavam, igualmente, a

combinação prodigiosa dos complexos celulares, cuja formação eles próprios haviam delineado, executando, com as suas experiências, uma justa aferição de valores, prevendo todas as possibilidades e necessidades do porvir. Todas as arestas foram eliminadas. Aplainaram-se dificuldades e realizaram-se novas conquistas. A máquina celular foi aperfeiçoada, no limite do possível, em face das leis físicas do globo. Os tipos adequados à Terra foram consumados em todos os reinos da Natureza, eliminando-se os frutos teratológicos e estranhos, do laboratório de suas perseverantes experiências. A prova da intervenção das forças espirituais, nesse vasto campo de operações, é que, enquanto o escorpião, gêmeo dos crustáceos marinhos, conserva até hoje, de modo geral, a forma primitiva, os animais monstruosos das épocas remotas, que lhe foram posteriores, desapareceram para sempre da fauna terrestre, guardando os museus do mundo as interessantes reminiscências de suas formas atormentadas.

OS ANTEPASSADOS DO HOMEM

O reino animal experimenta as mais estranhas transições no período terciário, sob as influências do meio e em face dos imperativos da lei de seleção.

Mas, o nosso raciocínio ansioso procura os legítimos antepassados das criaturas humanas, nessa imensa vastidão do proscênio da evolução anímica.

Onde está Adão com a sua queda do paraíso? Debalde nossos olhos procuram, aflitos, essas figuras legendárias, com o propósito de localizá-las no Espaço e no Tempo. Compreendemos, afinal, que Adão e Eva constituem uma lembrança dos Espíritos degredados ria paisagem obscura da Terra, como Caim e Abel são dois símbolos para a personalidade das criaturas.

Examinada, porém, a questão nos seus prismas reais, vamos encontrar os primeiros antepassados do homem sofrendo os processos de aperfeiçoamento da Natureza.

No período terciário a que nos reportamos, sob a orientação das esferas espirituais notavam-se algumas raças de antropóides, no Plioceno inferior. Esses antropóides, antepassados do homem terrestre, e os ascendentes dos símios que ainda existem no mundo, tiveram a sua evolução em pontos convergentes, e daí os parentescos sorológicos entre o organismo do homem moderno e o do chimpanzé da atualidade.

Reportando-nos, todavia, aos eminentes naturalistas dos últimos tempos, que examinaram meticulosamente os transcendentais assuntos do evolucionismo, somos compelidos a esclarecer que não houve propriamente uma "descida da árvore", no início da evolução humana. As forças espirituais que dirigem os fenômenos terrestres, sob a orientação do Cristo, estabeleceram, na época da grande maleabilidade dos elementos materiais, uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo de seu acrisolamento, em marcha para a racionalidade.

Os peixes, os répteis, os mamíferos, tiveram suas linhagens fixas de desenvolvimento e o homem não escaparia a essa regra geral.

A GRANDE TRANSIÇÃO

Os antropóides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superfície do globo, no curso vagaroso dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os pródromos das raças futuras em seus tipos diversificados; a realidade, porém, é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do sílex, imprimindo-lhe novas expressões biológicas.

Extraordinárias experiências foram realizadas pelos mensageiros do invisível. As pesquisas recentes da Ciência sobre o tipo de Neanderthal, reconhecendo nele uma espécie de homem bestializado, e outras descobertas interessantes da Paleontologia, quanto ao homem fóssil, são um atestado dos experimentos biológicos a que

procederam os prepostos de Jesus, até fixarem no "primata" os característicos aproximados do homem futuro.

Os séculos correram o seu velário de experiências penosas sobre a fronte dessas criaturas de braços alongados e de pelos densos, até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações.

Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos do porvir.

Uma transformação visceral verificara-se na estrutura dos antepassados das raças humanas.

Como poderia operar-se semelhante transição? Perguntará o vosso critério científico.

Muito naturalmente.

Também as crianças têm os defeitos da infância corrigidos pelos pais, que as preparam em face da vida, sem que, na maioridade, elas se lembrem disso.

III

As raças adâmicas

O SISTEMA DE CAPELA

Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Magnífico sol entre os astros que nos são mais vizinhos, ela, na sua trajetória pelo Infinito, faz-se acompanhar, igualmente, da sua família de mundos, cantando as glórias divinas do Ilimitado. A sua luz gasta cerca de 42 anos para chegar à face da Terra, considerando-se, desse modo, a regular distância existente entre a Capela e o nosso planeta, já que a luz percorre o espaço com a velocidade aproximada de 300.000 quilômetros por segundo.

Quase todos os mundos que lhe são dependentes já se purificaram física e moralmente, examinadas as condições de atraso moral da Terra, onde o homem se reconforta com as vísceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras pré-históricas de sua existência, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais mezinhos princípios de fraternidade e pouco realizando em favor da extinção do egoísmo, da vaidade, do seu infeliz orgulho.

UM MUNDO EM TRANSIÇÕES

Há muitos milênios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos.

As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização.

Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos. As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberam, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.

ESPÍRITOS EXILADOS NA TERRA

Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes.

Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo

cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas.

Mostrou-lhes os campos imensos de luta que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito da sua misericórdia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.

Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia.

FIXAÇÃO DOS CARACTERES RACIAIS

Com o auxílio desses Espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas. A Natureza ainda era, para os trabalhadores da espiritualidade, um campo vasto de experiências infinitas; tanto assim que, se as observações do mendelismo fossem transferidas àqueles milênios distantes, não se encontraria nenhuma equação definitiva nos seus estudos de biologia. A moderna genética não poderia fixar, como hoje, as expressões dos "genes", porquanto, no laboratório das forças invisíveis, as células ainda sofriam longos processos de acrisolamento, imprimindo-se-lhes elementos de astralidade, consolidando-se-lhes as expressões definitivas, com vistas às organizações do porvir.

Se a gênese do planeta se processara com a cooperação dos milênios, a gênese das raças humanas requeria a contribuição do tempo, até que se abandonasse a penosa e longa tarefa da sua fixação.

ORIGEM DAS RAÇAS BRANCAS

Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnaram, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos "primatas", a que nos referimos ainda há pouco. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres.

Um grande acontecimento se verificara no planeta É que, com essas entidades, nasceram no orbe os ascendentes das raças brancas.

Em sua maioria, estabeleceram-se na Ásia, de onde atravessaram o istmo de Suez para a África, na região do Egito, encaminhando-se igualmente para a longínqua Atlântida, de que várias regiões da América guardam assinalados vestígios.

Não obstante as lições recebidas da palavra sábia e mansa do Cristo, os homens brancos olvidaram os seus sagrados compromissos.

Grande percentagem daqueles Espíritos rebeldes, com muitas exceções, só puderam voltar ao país da luz e da verdade depois de muitos séculos de sofrimentos expiatórios; outros, porém, infelizes e retrógrados, permanecem ainda na Terra, nos dias que correm, contrariando a regra geral, em virtude do seu elevado passivo de débitos clamorosos.

QUATRO GRANDES POVOS

As raças adâmicas guardavam vaga lembrança da sua situação pregressa, tecendo o hino sagrado das reminiscências.

As tradições do paraíso perdido passaram de gerações a gerações, até que ficassem arquivadas nas páginas da Bíblia.

Aqueles seres decaídos e degradados, a maneira de suas vidas passadas no mundo distante da Capela, com o transcurso dos anos reuniram-se em quatro grandes grupos que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades sentimentais e linguísticas que os associavam na constelação do Cocheiro. Unidos, novamente, na esteira do Tempo, formaram desse modo o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia.

Dos árias descende a maioria dos povos brancos da família indoeuropeia nessa descendência, porém, é necessário incluir os latinos, os celtas e os gregos, além dos germanos e dos eslavos.

As quatro grandes massas de degradados formaram os pródromos de toda a organização das civilizações futuras, introduzindo os mais largos benefícios no seio da raça amarela e da raça negra, que já existiam.

É de grande interesse o estudo de sua movimentação no curso da História. Através dessa análise, é possível examinarem-se os defeitos e virtudes que trouxeram do seu paraíso longínquo, bem como os antagonismos e idiosincrasias peculiares a cada qual.

AS PROMESSAS DO CRISTO

Tendo ouvido a palavra do Divino Mestre antes de se estabelecerem no mundo, as raças adâmicas, nos seus grupos insulados, guardaram a reminiscência das promessas do Cristo, que, por sua vez, as fortaleceu no seio das massas, enviando-lhes periodicamente os seus missionários e mensageiros.

Eis por que as epopeias do Evangelho foram previstas e cantadas alguns milênios antes da vinda do Sublime Emissário.

Os enviados do Infinito falaram, na China milenária, da celeste figura do Salvador, muitos séculos antes do advento de Jesus. Os iniciados do Egito esperavam-no com as suas profecias. Na Pérsia, idealizaram a sua trajetória, antevendo-lhe os passos nos caminhos do porvir; na Índia védica, era conhecida quase toda a história evangélica, que o sol dos milênios futuros iluminaria na região escabrosa da Palestina, e o povo de Israel, durante muitos séculos, cantou-lhe as glórias divinas, na exaltação do amor e da resignação, da piedade e do martírio, através da palavra de seus profetas mais eminentes.

Uma secreta intuição iluminava o espírito divinatório das massas populares.

Todos os povos O esperavam em seu seio acolhedor; todos O queriam, localizando em seus caminhos a sua expressão sublime e divinizada. Todavia, apesar de surgir um dia no mundo, como Alegria de todos os tristes e Providência de todos os infortunados, à sombra do trono de Jessé, o Filho de Deus em todas as circunstâncias seria o Verbo de Luz e de Amor do Princípio, cuja genealogia se confunde na poeira dos sóis que rolam no Infinito.

[3] Lê-se em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

Diversas Categorias de Mundos Habitados

3 – Do ensinamento dado pelos Espíritos, resulta que os diversos mundos possuem condições muito diferentes uns dos outros, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Dentre eles, há os que são ainda inferiores à Terra, física e moralmente. Outros estão no mesmo grau, e outros lhe são mais ou menos superiores, em todos os sentidos. Nos mundos inferiores a existência é toda material, as paixões reinam soberanas, a vida moral quase não existe. À

medida que esta se desenvolve, a influência da matéria diminui, de maneira que, nos mundos mais avançados, a vida é por assim dizer toda espiritual.

4 – Nos mundos intermediários, o bem e o mal se misturam, e um predomina sobre o outro, segundo o grau de adiantamento em que se encontrarem. Embora não possamos fazer uma classificação absoluta dos diversos mundos, podemos, pelo menos, considerando o seu estado e o seu destino, com base nos seus aspectos mais destacados, dividi-los assim, de um modo geral: mundos primitivos, onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e de provas, em que o mal predomina; mundos regeneradores, onde as almas que ainda têm o que expiar adquirem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos felizes, onde o bem supera o mal; mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sem mistura. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e de provas, e é por isso que nela está exposto a tantas misérias.

5 – Os Espíritos encarnados num mundo não estão ligados a ele indefinidamente, e não passam nesse mundo por todas as fases do progresso que devem realizar, para chegar à perfeição. Quando atingem o grau de adiantamento necessário, passam para outro mundo mais adiantado, e assim sucessivamente, até chegarem ao estado de Espíritos puros. Os mundos são as estações em que eles encontram os elementos de progresso proporcionais ao seu adiantamento. É para eles uma recompensa passarem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo prolongarem sua permanência num mundo infeliz, ou serem relegados a um mundo ainda mais infeliz, por se haverem obstinado no mal.

[4] Em “A Grande Síntese” o Divino Governador esclarece sobre a caracterização do chefe, assim mostrando, indiretamente, por que foi escolhido por Deus para Governar este planeta:

Quem será o chefe, desse novo organismo para o qual se dirige toda a vida? Como a história o escolherá e o evidenciará? Há momentos em que a história atravessa curvas decisivas, em que se prepara a fase decisiva de uma civilização milenar. Imensas maturações sociais estão iminentes na aurora de novas civilizações. A humanidade parece, então, perder-se em crises e conflitos e todo o passado parece ruir. Então as forças da vida conclamam o gênio, para que interprete e crie; e os equilíbrios da lei o trazem à luz, valorizando-o em plena eficiência. As forças do imponderável convergem a sustentá-lo, para que ele construa e levante. Então, o homem que muito realizou, com seu trabalho íntimo, sua maturação biológica, é chamado por atração por meio da linha de sua maior especialização para dar todo o seu rendimento à obra coletiva que lhe é confiada e torna sua. A vida do chefe é suprema missão. Esses fenômenos não são mistério para nós, pois sempre nos movemos ligados à substância no imponderável.

Nesse desencadear-se de forças titânicas, é pueril buscar a razão das coisas nas velhas fórmulas de legalidade humana. A Grande Lei, que no âmago sustenta todas as coisas, amadurece tudo com perfeita harmonia para metas aleatórias. A vida dos povos possui seus equilíbrios profundos, tal como a vida inorgânica e orgânica; como estas que produzem, no momento da maturação evolutiva, a molécula ou célula adequada, também a vida dos povos produz, no momento decisivo da evolução biológica, o seu personagem, a sua célula superior, trazida à luz pela tensão de todas as forças da vida. Essas forças explodem em triunfo após secular

esforço oculto, a fim de que essa célula realize, por leis de coordenação, sua função de cérebro e de vontade, de direção e de comando, porque essa é naturalmente sua capacidade, sua diferenciação e sua função biológica.

Assim é o chefe por sua grandeza mas também por seu dever, por sua satisfação como por seu esforço, por sua vitória como por seu perigo. Nesta função e neste perigo reside a justiça da suprema Lei de Deus, sua base, antes divina que humana, de uma investidura sagrada que é missão na vida; reside seu direito de comando e o dever dos povos de obedecer-lhe, unidos todos diante de Deus, operários diferenciados no mesmo trabalho.

A novíssima afirmação é que o chefe, nos momentos de exceção, é escolhido por seleção biológica; no momento decisivo, a Lei intervém diretamente, superando as convenções sociais. Manifesta-se uma lei mais verdadeira que as outras. Os povos procuram, por instinto, a célula que realize a função coletiva necessária de comando. Reconhecem-na, sentem-na, respeitam-lhe a função, não por coação nem por convenção, mas espontaneamente, por uma lei que reside em seus instintos. Quando um povo encontra seu chefe, aquele que sente e manifesta sua alma, coordena suas atividades, realiza a função biológica de defensor e unificador material e espiritual do novo organismo, então, repousará contente com seu instinto satisfeito, do mesmo modo que repousa o instinto do corpo bem alimentado, ou o da mãe que teve seu filho, porque está assegurado o futuro de sua vida. Os tumultos da vida política são, como os da fome e do amor, os profundos tumultos da vida que “deve” avançar.

Nenhum sistema de atribuições de poderes, na história, oferece garantias do que é substancial, íntimo, não formal, exterior. Um chefe assim, de raça, desta surge como produto da vida de um povo, mas só de um povo que saiba produzi-lo. As leis biológicas não

fornece chefes nos séculos de repouso, nem a povos impotentes, estéreis, que são condenados. O super-homem não se improvisa, não emerge por meio de sistemas eletivos, por meio de convenções ou coações sociais. A raça é raça, é natureza íntima que se construiu na eternidade, é substância de alma, é capacidade única, é um destino, um amadurecimento de grandes forças biológicas. O chefe, assim, de raça, não é escolhido pelo voto, mas no choque de forças sociais; é filho não dos cálculos das urnas, mas da tempestade em que os povos se debatem para a vida; não é escolhido por consenso dos homens, mas por consenso das leis ocultas da vida. Ele impõe-se, levando de roldão o passado, como o furacão, no turbilhão da revolução. Qual foi a onda que, nascida do mistério, jogou-o para o alto, o homem não sabe; mas todos inclinam-se porque se trata de uma lei, mais profunda que as humanas, que ordena. E o chefe lá está, por direito divino; é o direito que lhe dá seu destino, sua raça, sua capacidade, selecionado no sangue da luta, que não suporta ineptos.

Lá está e aí fica. Só por valor intrínseco pode resistir numa posição que, por sua altitude, está exposta a todos os raios. Esses são reais controles do poder, as verdadeiras garantias do valor e do rendimento do homem, porque o assalto é tenaz, a cada minuto; a guerra é sem tréguas, aí não existem muletas para os fracos, não há possibilidade de mentir perante as leis da vida. Eis o direito substancial, o direito do valor, do merecimento, da função, da missão, não aquele apenas da legalidade formal. O chefe lá está porque ele é o órgão máximo de uma vida coletiva maior e lá fica, invulnerável, pelas mesmas leis biológicas, até que sua função social se esgote.

Substituo o conceito da legalidade humana pelo da justiça divina que sanciona os valores íntimos. Ponho como base dos fenômenos sociais as leis eternas da vida.

No âmago do problema jurídico vejo sempre o problema biológico, sua alma. Só se as posições do segundo forem sólidas, serão sólidas também as do primeiro, sua expressão. Essa é a base substancial da legalidade. Os movimentos das forças políticas, jurídicas, sociais, só são compreensíveis, se reduzidas à sua substância biológica. Que sistema mais substancial de escolha e de garantia pode encontrar um povo, do que esta filtragem, bem mais rigorosa, realizada pelas leis da vida? Que lei é mais profunda que a Lei biológica, onde cada fibra é testada? É absurdo pensar que o poder tenha de ser escolhido de baixo, ser determinado pelos níveis biologicamente menos evoluídos. O sistema representativo constitui um método para escolher os melhores. As massas, porém, podem aceitar e suportar o super-homem, mas não compreendê-lo por antecipação. É a evolução que coloca à frente o ser antecipado, a fim de arrastar e plasmar os outros, involuídos, que só sabem receber e obedecer. O conceito tradicional é invertido, a escolha não vem da quantidade medíocre, mas do alto, das forças da vida; o número é quantidade, que é incompetente para decidir a respeito da qualidade. Se sua missão é educar, o chefe tem que ser um senhor espiritual que desce e, do alto de sua fase superior, sabe dar; não um medíocre que sobe e pede. Confio mais nesta legalidade, mais profunda que a humana. Em meu conceito, é na capacidade que reside a base do direito. O chefe comanda pelo mesmo direito com que a águia voa. Ele é testado em cada instante por todas as resistências que lhe garantem a capacidade e a função, porque são as forças biológicas que conferem o poder, as mesmas que o tiram logo que cesse a função.

O poder que vem do alto possui um conteúdo muito diferente do que é concedido de baixo. É dever, não direito; não é conquista, mas função; é ordem, não arbítrio; é sacrifício e missão. A investidura envolve o super-homem que vê o infinito e não admite abusos;

entrelaça-se indissolúvelmente em seu destino, seu prêmio é eterno, além da vida. Guia-o a mão de Deus e ele, em seu comando, obedece, só buscando dar, para realizar-se a si mesmo. Cérebro de um povo, é a superelevação que guia e ilumina a revolução biológica e impele a vida para suas fases supremas. Ele engasta seu trabalho na série das criações históricas dos milênios, porque nos milênios os homens escolhidos trabalham em cadeia. Realiza em sua fase, em perfeita correspondência com os momentos históricos precedentes e seguintes, a eterna evolução social, amadurecendo o passado e antecipando o futuro. Abebera-se em sua própria fonte; a atividade social transforma-se, acompanhando sua visão, que se fixará na evolução jurídica. Educa, cria a consciência coletiva, pois sabe que essa criação interior antecede a compreensão e a base da vida das instituições, que a seguir a exprimem. Não ciência humana, mas é a visão guiando seu braço estendido em ato de comando para o futuro. É força num turbilhão de forças, indo ao encalço de novas civilizações. Sua vontade, guiada pela intuição exata das correntes de pensamento e da vida do mundo, ativamente se introduz na lei cósmica da evolução. Criando novas instituições sociais, enquadra em formas novas os valores morais dos séculos.

No quadro de sua concepção, o chefe está organicamente colocado, como ideia e ação ao mesmo tempo. Situado no centro de seu Estado, ele é sua própria ideia, que em torno dele próprio palpita como uma auréola sua, como vida que emana da sua vida. Ele é um pensamento e uma vontade única, central, responsável, instantânea; não, como nas formas representativas, pensamento e vontade múltiplos, divididos, que lentamente se reencontram. O Estado é o organismo do qual o chefe é o cérebro e os cidadãos as inúmeras células, também elas investidas de funções menores, em harmônica coordenação de funções que convergem para

o alto. Da periferia ao centro, dos membros ao cérebro, ao coração, existe uma contínua corrente solidária de permutas; uma descida do pensamento, de força, de consciência, de ajuda; uma ascensão de contribuições vitais para se reencontrarem no centro e de lá descerem fecundas. O Estado, assim, é também centro de irradiação moral, é alma, fé, religião. Cada célula aí se sente mais forte. Pela primeira vez na história, ao conceito de Estado absoluto ou representativo substituiu-se o de Estado biológico orgânico. Os valores morais, os produtos das civilizações do mundo realizam seu ingresso triunfal no Estado, não mais divididos em estéreis antagonismos de classes e de princípios, de ciência e de fé, de Estado e de Igreja, de rico e de pobre, mas fundidos numa unidade imposta pela nova civilização no campo do pensamento e da ação.

O novo Estado é gigantesco organismo integral, imensa oficina de colaborações, em que máquina, trabalho, produção, riqueza, ciência, religião, tudo se funde e age organicamente. Esta alta concepção, de vida coletiva, é introduzida na circulação do sangue dos povos e opera a valorização das massas.

Essa é a criação biológica confiada ao chefe pela Lei. A nova alma coletiva está por desenvolver-se e afirmar-se. Ele supervisiona os primeiros movimentos dessa sua filha ainda criança, guia-a, educando-a. Do conceito de Estado-rei ao Estado-classe social, Estado-povo; do poder absoluto ao poder representativo, ao poder-função; à medida em que a consciência coletiva ascende e se dilata, o poder desce e se descentraliza. É a ascensão do espírito que, progressivamente, purifica o princípio de sua escória. Nos equilíbrios biológicos, a medida do comando é dada pelo grau de consciência atingido. Os povos precisam mais de mestres que de liberdade; de guia antes que de mando, até que amadureçam. O chefe olha: seu povo é seu corpo, é sua aquela alma, aqueles tormentos

são seus, aquelas esperanças, aquelas vitórias. Chefe e povo: unidade indissolúvel. O mundo está em marcha. A realidade biológica impõe: ou evolução ou morte.